

## Pessoalidade e impessoalidade verbais: do *esse* ao ‘haver’ com noção existencial

*Personal and impersonal verbs: from esse to ‘haver’ denoting existence*

Sávio Jorge da Silva Carvalho \*

*Alpha Colégio e Pré-vestibular, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil*

Thiago Soares de Oliveira \*\*

*Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil*

**Resumo:** Trata-se aqui de um estudo semântico-gramatical de viés diacrônico, cuja temática geral diz respeito à pessoalidade e à impessoalidade verbais, a partir de pesquisa bibliográfica que recorre a fontes de dados constituídas por artigos, dicionários e livros dedicados à abordagem de temas caros à Linguística Histórica, à História da Língua Portuguesa e à Língua Latina. O objetivo deste trabalho é investigar, a partir da mudança linguística, o comportamento da pessoalidade do verbo *esse*, cujo sentido possível é a acepção de ‘existir’, e a pessoalidade do *habere* (haver) no latim clássico, contrastando a pessoalidade desta forma verbal com a impessoalidade do ‘haver’ existencial no português. Ao fim, conclui-se que a impessoalização do verbo ‘haver’ com noção existencial na língua portuguesa deve-se à confusão entre os casos latinos nominativo e ablativo durante o processo de mudança linguística.

**Palavras-chave:** Linguística histórica. História da língua portuguesa. Língua latina. Mudança linguística. Impessoalidade do verbo ‘haver’.

**Abstract:** This is a diachronic semantical and grammatical study, whose general theme concerns the existence of personal and impersonal verbs in Portuguese, based on bibliographic research that uses data sources made up of articles, dictionaries and books dedicated to the approach of themes related to Historical Linguistics, the History of the Portuguese Language and the Latin Language. The aim of this work is to investigate, having the linguistics change as a starting point, whether the verb *esse*, whose possible meaning is the denotation of ‘to exist’, is personal or impersonal throughout time, and the possibilities of treating *habere* (to be/there to be) as personal in Classical Latin, contrasting the idea of seeing this verb as personal with *haver* meaning ‘to exist’ being impersonal in Portuguese. Finally, the conclusion is that the process of the verb *haver* (denotating existence) becoming impersonal in the Portuguese language is due to the confusion between the Latin nominative and ablative cases during the process of linguistic change.

**Keywords:** Historical linguistics. History of the Portuguese language. Latin language. Language change. ‘Haver’ as an impersonal verb.

### 1 INTRODUÇÃO

A noção de impessoalidade hoje atribuída ao verbo ‘haver’ com noção de existência pode ser explicada historicamente, assim como diversos fenômenos

---

\* Professor, Alpha Colégio e Pré-vestibular e Colégio Externato Campista, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil; saviojorge.carvalho@gmail.com

\*\* Professor Doutor, Coordenação Acadêmica da Licenciatura em Letras, Diretoria das Licenciaturas, Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil; so.thiago\_@yahoo.com.br

linguísticos sujeitos à força diacrônica da língua. Considerando, a princípio, a contribuição de Faraco (2005) a respeito do estudo histórico das línguas, propõe-se, neste trabalho, o que é considerado pelo autor como uma volta ao passado, a fim de iluminar o presente: um estudo diacrônico em relação à acepção do verbo ‘haver’ com sentido de ‘existir’ e à sua utilização como impessoal na língua portuguesa atual (de acordo com o que apregoa a norma gramatical).

Dito isso, o questionamento acerca da temática apresentada consiste em: Qual seria a motivação histórica de o ‘haver’ (morfologicamente oriundo de *habere*, em latim), com o significado de ‘existir’, tornar-se impessoal em português, quando, na língua-mãe (latim vulgar)<sup>1</sup>, conforme destaca Maciel (1887), era pessoal? Acredita-se que, possivelmente, tenha havido troca e/ou confusão entre os casos latinos nominativo<sup>2</sup> e ablativo<sup>3</sup>. Isso pode ter impulsionado uma mudança de pessoalidade do verbo ‘haver’ com noção de existência, estabelecendo-o como impessoal. É válido também ressaltar que a noção de existência outrora era percebida no uso do verbo *esse* (em noção existencial, era flexionado diante de nominativo plural), e não no verbo *habere*.

FLP 23(1)

Tendo definida a provocação que incitou a confecção deste estudo, objetivasse, de forma geral, compreender, numa perspectiva histórica, como se deu o processo de impessoalização do verbo *habere*, que resultou em ‘haver’ no português, considerando que a noção existencial era originalmente atribuída ao verbo *esse*, pessoal em latim. Para tanto, estrutura-se este trabalho em três seções, que explanam: a) o comportamento da pessoalidade do verbo *esse*<sup>4</sup>, cuja possibilidade de uso também abarcava a acepção de ‘existir’; b) a pessoalidade do *habere* (haver) no latim clássico<sup>5</sup> e c) a pessoalidade do *habere* clássico com a impessoalidade do ‘haver’ existencial na língua portuguesa.

As ocorrências de tais verbos latinos são investigadas nas gramáticas<sup>6</sup> de Magne (1930), Fonseca e Morais (1942), Faria (1958), Cart, Grimal, Lamaison, e Noiville

<sup>1</sup> “É o latim na sua forma vulgar que constitui, por assim dizer, o *substratum* do nosso idioma; foi ele que, passando por contínuas transformações, produziu a fala de que hoje nos servimos” (Nunes, 1969, p. 18, grifo do autor).

<sup>2</sup> Caso relativo à função sintática de sujeito, entre outras.

<sup>3</sup> Caso ligado à função sintática de adjunto adverbial.

<sup>4</sup> Apesar de habitualmente a enunciação verbal, em latim, partir da primeira pessoa do presente do indicativo ativo, decidiu-se pelo uso da forma infinitiva em razão da semelhança morfológica entre *habere* e ‘haver’; isso porque se entende que, dessa forma, fica mais facilitada a compreensão da questão que se pretende abordar.

<sup>5</sup> Como em Linguística Histórica é comum a análise partindo de documentos escritos, incluindo este trabalho, é necessário que seja o latim clássico a fonte de estudo, até porque, sobre o latim vulgar, há poucas fontes que nos foram legadas. Na verdade, “a tradição não nos legou uma grande literatura para atestar a existência do latim vulgar. Nosso conhecimento dêle deriva das seguintes fontes: a) elementos populares de origem intencional ou acidental, no latim clássico e no medieval; b) observações linguísticas no latim clássico e no medieval; c) elementos latinos nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato; d) as línguas românicas. O latim vulgar é, por conseguinte, uma língua reconstruída de fragmentos heterogêneos e em grande parte na base de hipótese”. (Williams, 1986, p. 15).

<sup>6</sup> A opção por obras mais tradicionais teve como objetivo aferir se o tratamento dado ao verbo ‘haver’ no sentido de ‘existir’, hoje, realmente se contrapõe de forma taxativa, na norma-padrão, ao que se tinha definido a respeito do *habere* na língua-mãe, além de registrar se algum desses autores menciona essa mudança na pessoalidade do verbo.

(1986) e Almeida (2011); nos dicionários de Faria (1962), Portugal (2014) e Rezende e Bianchet (2014). Tais compêndios serão contrastados com as acepções atribuídas ao ‘haver’ impessoal nas gramáticas e dicionários de língua portuguesa, quais sejam a de Almeida (2009), a de Bechara (2009), a de Cegalla (2010), a de Rocha Lima (2011) e a de Cunha e Cintra (2017), além dos dicionários de Houaiss e Villar (2008), Ferreira (2009) e Michaelis (2015).

Por fim, este artigo não tenciona esgotar o assunto, mas trazer à baila a explicação para uma questão de ordem diacrônica relevante para o estudo da norma da língua portuguesa, já que é preciso ter em mente que muitas das noções hoje assentadas nos compêndios normativos são historicamente explicáveis. Por isso mesmo, o contributo aqui deixado não impede a análise da temática sob outros vieses, os quais, aliás, só têm a acrescentar às reflexões sobre a língua portuguesa.

## 2 DA NOÇÃO DE EXISTÊNCIA NO LATIM: VERBO *ESSE*

Durante a investigação da diacronia do ‘haver’ existencial, foi possível verificar que, inicialmente, o *habere* não era o mais utilizado com a noção aqui discutida. O verbo *esse*, por outro lado, figura em diversos dos trabalhos analisados com a noção de existência. Magne (1930), por exemplo, na gramática latina mais antiga analisada durante a pesquisa, apresenta o verbo *esse* como ‘ser’ ou ‘estar’, além de uma seção para mostrar o funcionamento do verbo como ‘ter’ em português. O autor, ao longo da gramática, também registra um exemplo do *esse* como ‘haver’ no sentido de existência: “Dubiumne est quiu, etc. [Cic., Verr., II, 3,162], haveria duvida que?...” (Magne, 1930, p. 332). Fonseca e Morais (1942, p. 92) aprofundam-se mais, e, no item 157, traduzem o *esse* como “ser, estar, haver (impessoal)”, apesar de não apresentarem exemplos de tal verbo com esta última definição. Ainda assim, os autores se destacam por apresentarem a acepção explícita de “haver impessoal”, que, como será discutido nos parágrafos seguintes, era de ocorrência rara.

Já Faria (1958), na segunda metade do séc. XX, discorre sobre o verbo anômalo *esse* somente como “ser ou estar”, porém apresenta exemplos em que traduz tal verbo como ‘haver’ existencial ao longo da gramática, como é o caso “non esse dubium quin totius Galliae plurimum Heluetii possent”, em que “non esse dubium” é traduzido como “não haver dúvida” (Faria, 1958, p. 410). O verbo *esse* também é registrado, em outros exemplos dos exercícios da gramática de Faria (1958), com a noção existencial. Na obra de Cart et al. (1986), também se registra a concepção de *esse* como ‘ser’ e ‘estar’; os autores, no entanto, dedicam parte da obra à discussão das “Construções diversas do verbo: esse”, entre elas a utilização do verbo sem predicativo do sujeito e com a noção de existência. “*Fluvius est in campo*” é traduzido, na gramática, como “Há um rio na planície” (Cart et al., 1986, p. 119, grifo do autor).

Por sua vez, Almeida (2011), na mais recente gramática latina analisada, apresenta os significados atribuídos ao *esse* na Lição 53, na qual, além de ‘ser’, ‘estar’, entre outros significados, mostra tal verbo na acepção de “existir ou haver”. E acrescenta: “neste caso vem sem predicativo e irá para o plural se no plural estiver o sujeito” (Almeida, 2011, p. 224-225). A ideia da flexão do verbo em relação ao sujeito refere-se ao *esse* somente, já que, traduzido como ‘haver’ no português, torna-se impessoal. Para entender os diversos significados do *esse* no latim, eis o Quadro 1, que sintetiza as abordagens discutidas até então:

Quadro 1 - Resumo de visões acerca do *esse* em gramáticas latinas selecionadas.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do 'esse'</i>
Magne (1930)	Define o verbo <i>esse</i> como 'ser', 'estar' e 'ter'. Apesar de não dar destaque ao <i>esse</i> traduzido como 'haver' existencial, utiliza exemplos com essa acepção ao longo da gramática.
Fonseca e Morais (1942)	'ser', 'estar' e 'haver (impessoal)' como acepções para o <i>esse</i> , apesar de não se aprofundarem nesta última definição.
Faria (1958)	Apesar do maior enfoque nas principais acepções do <i>esse</i> ('ser' ou 'estar'), há exemplos do verbo latino em contextos nos quais pode ser entendido com verbo existencial.
Cart et al. (1986)	Além do <i>esse</i> como 'ser' e 'estar', a noção existencial do verbo latino é discutida na seção "Construções diversas do verbo: esse".
Almeida (2011)	<i>Esse</i> com acepção de 'ser', 'estar', mas também de "existir ou haver", com discussão mais clara acerca da noção existencial.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Magne (1930), Fonseca e Morais (1942), Faria (1958), Cart et al. (1986) e Almeida (2011).

FLP 23(1)

Passando aos dicionários, o primeiro a ser explorado é o de Faria (1962), autor já discutido a partir de obra gramatical. Ao definir o *esse*, Faria (1962), de maneira distinta de sua gramática, apresenta as utilizações normalmente atribuídas ao verbo em questão desta forma: "v. de existência e copulativo, intr.", apontando o *esse* com o significado de 'existir' na primeira acepção do verbete, onde se lê "I – Sent. Próprio: 1) Ser, existir" (Faria, 1962, p. 965). O verbete *esse*, na obra de Rezende e Bianchet (2014), por seu turno, tem 'ser' e 'existir' como possíveis traduções, ampliando as acepções ao apresentar 'viver' também entre os primeiros significados; os autores, contudo, não exemplificam as noções em contextos oracionais. Por fim, o dicionário de latim-português e português-latim da Porto Editora, também de 2014, segue o padrão de dicionarização do verbo latino visto até aqui, sendo que anota as três primeiras acepções do *esse* como 'ser', 'existir' e 'estar'. Apesar de não registrar a forma 'haver', utiliza o verbo como impessoal ao traduzir os exemplos do *esse* com a noção de existência: "*flumen est*, há um rio; *sunt qui* (conj.)..., há quem..." (Portugal, 2014, p. 491, grifos do autor). Eis o Quadro 2, que sintetiza as acepções encontradas nos dicionários:

Quadro 2 - Resumo das acepções do *esse* nos dicionários de latim selecionados.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do 'esse' nos dicionários de latim</i>
Faria (1962)	<i>Esse</i> entendido como verbo de existência e copulativo, cujo sentido próprio é 'ser', 'existir'.
Rezende e Bianchet (2014)	'ser' e 'existir' como possíveis traduções e inclusão de 'viver' também entre os primeiros significados.
Portugal (2014)	'ser', 'existir' e 'estar'. Apesar de não registrar o 'haver', utiliza o verbo como impessoal ao traduzir exemplos.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Faria (1962), Rezende e Bianchet (2014) e Portugal (2014).

É possível notar que, com base nos registros formais, o *esse* tinha entre suas principais acepções 'ser', 'estar', mas também 'existir' e, conseqüentemente, o 'haver' com noção existencial, que é recorrente nas gramáticas e também figura em todos os dicionários analisados. Mesmo sendo a noção de existência frequentemente atribuída ao *esse*, como foi exposto, a abordagem dessa noção ganha espaço gradualmente, sobretudo se o foco forem as gramáticas latinas. Como se pode notar, as três mais antigas analisadas não se prendem à discussão do *esse* existencial, enquanto, nas duas gramáticas mais recentes, Cart et al. (1986) e Almeida (2011) abrem espaço para a explanação acerca do sentido de existência.

FLP 23(1)

### 3 DO *HABERE* EXISTENCIAL AO 'HAVER': O REGISTRO DA TRANSIÇÃO NAS GRAMÁTICAS E NOS DICIONÁRIOS LATINOS

Dando continuidade à linha de raciocínio desenvolvida neste trabalho, utilizam-se as obras anteriormente selecionadas, tendo em mente que a bibliografia de modo geral está mais preocupada com a norma-padrão, como bem lembra Grandgent (1907, p. 3, tradução nossa) ao apontar que “a influência literária é refinada e conservadora, enquanto o uso popular tende a mudar rapidamente”<sup>7</sup>. Partindo da noção de que a mudança, a princípio, ocorre por meio do uso, o registro literário se deu majoritariamente em latim clássico (escrito), já que o latim vulgar (que originou o português) estava em constante mutação.

Na primeira gramática investigada, Magne (1930) utiliza *habere* em exemplos, mas sempre traduzindo-o como 'ter', como em “*hostis loco habere aliquem*”, que significa “têr alguém na conta de inimigo do Estado” (Magne, 1930, p. 286). Na verdade, o autor, apesar de considerar a acepção existencial de *habere*, acaba se valendo do verbo 'ter' como recurso tradutório, o que, inclusive, é percebido em outras gramáticas. Nas obras de Fonseca e Morais (1942), Faria (1958) e Cart et al. (1986), constatou-se que não há parte dedicada ao estudo do verbo 'haver' com sentido existencial no latim.

<sup>7</sup> “Literary influence is conservative and refining, while popular usage tends to quick change” (Grandgent, 1907, p. 3).

Ocorre, no entanto, a utilização de tal verbo em exemplos, mas sem que se aborde a noção aqui discutida. Faria (1958), inclusive, também traduz *habere* somente como ‘ter’ e não discute o ‘haver’ existencial.

Almeida (2011), no Exercício 38 de sua gramática, amplia a discussão acerca da impessoalidade; o autor chega expor um exemplo em português com o verbo ‘haver’ impessoal: “3. Há uma lei para todos os cidadãos”. Aqui, o autor classifica ‘lei’ como acusativo (objeto direto) de ‘haver’, considerando que, em português, essa forma verbal, quando se apresenta com noção de existência (ele não cita tal noção), é impessoal. Almeida (2011, p. 124) afirma, porém, que, no latim, ‘lei’ funcionaria como nominativo, pois o verbo utilizado seria *esse*, um verbo pessoal: “(6) Em português, *lei* é aí obj. direto de ‘haver’ (verbo impessoal), mas em latim será sujeito, porque o verbo é *sum*<sup>8</sup>”. Ponto importante a ser notado é que Almeida (2011), conforme já foi exposto no item anterior, traduz *esse* como “existir/haver”, o que reafirma uma maior recorrência do *esse* em relação ao *habere* com esse sentido. Eis, agora, o Quadro 3:

Quadro 3 - Resumo de visões acerca do *habere* nas gramáticas latinas selecionadas.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do ‘habere’ discutidas nas gramáticas latinas</i>
Magne (1930)	Sempre traduz o verbo como ‘ter’ e não aborda o <i>habere</i> existencial.
Fonseca e Morais (1942) Faria (1958) Cart et al. (1986)	Não dedicam parte das suas obras para o estudo do <i>habere</i> , utilizando o verbo em exemplos, mas sem a noção existencial.
Almeida (2011)	Apresenta exemplos com o <i>habere</i> , porém também não costuma atribuir o sentido de existência a esse verbo. Apesar de apresentar um exemplo em português do ‘haver’ impessoal, o autor o traduz por <i>esse</i> em latim.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Magne (1930), Fonseca e Morais (1942), Faria (1958), Cart et al. (1986) e Almeida (2011).

Passando à pesquisa sobre *habere* nos dicionários, Faria (1962) chama atenção por registrar ‘ter’ e ‘haver’, destacando os sentidos próprio e figurado. Talvez já se vislumbrasse, naquela época, uma equivalência de sentido entre ambos os verbos, tanto que ambas as formas verbais foram registradas em dicionário. Já Rezende e Bianchet (2014, p. 177) não atribuem ao *habere* a noção de existência em nenhuma das traduções: “Ter, manter, manter-se. Ocupar, possuir. Conter, encerrar, reter, conservar. Realizar, considerar, estimar, avaliar. Habitar, morar, viver.”; lembrando que, ao traduzir o *esse*, ‘existir’ estava entre as primeiras acepções. O dicionário da Porto Editora, de forma análoga ao anterior, não apresenta o *habere* traduzido como verbo existencial, mas a

<sup>8</sup> É comum, no latim, referir-se aos verbos na primeira pessoa do presente do indicativo ou no infinitivo, *sum* e *esse* respectivamente em relação ao verbo discutido; a primeira pessoa do indicativo poderá aparecer em citações durante o trabalho.

partir dos seguintes verbos transitivos e intransitivos: “ter, conter; possuir, ocupar; trazer; conhecer; tratar; experimentar; considerar; avaliar; executar; tratar; habitar; morar; possuir;” (Portugal, 2014, p. 213). O Quadro 4 sintetiza o exposto:

Quadro 4 - Resumo das acepções do *habere* nos dicionários de latim selecionados.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do ‘esse’ nos dicionários de latim</i>
Faria (1962)	“Ter e haver (sent. próprio e figurado)” (Faria, 1962, p. 438); Faria tem destaque aqui por mostrar que ambos, ‘ter’ e ‘haver’, podem assumir diferentes sentidos, dando margem ainda para considerá-los como sinônimos.
Rezende e Bianchet (2014)	“Ter, manter, manter-se. Ocupar, possuir. Conter, encerrar, reter, conservar. Realizar, considerar, estimar, avaliar. Habitar, morar, viver” (Rezende; Bianchet, 2014, p. 177).
Portugal (2014)	“Ter, conter; possuir, ocupar; trazer; conhecer; tratar; experimentar; considerar; avaliar; executar; tratar; habitar; morar; possuir” (Portugal, 2014, p. 213).

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Faria (1962), Rezende e Bianchet (2014) e Portugal (2014).

FLP 23(1)

Diante do exposto, a proposta do próximo tópico, que se vale tanto de estudos latinos quanto de portugueses, é delimitada com o objetivo de dar continuidade à análise dos registros do verbo latino *habere*, utilizado primordialmente com o significado de ‘possuir’, ‘ter’ (noção de posse, e não de existência), até a utilização com noção existencial, talvez por uma ‘confusão’ entre casos no sistema flexional latino. Sobre essa possível troca Marcotulio et al. (2018) registram, em *Filologia, história e língua*, que, mesmo não havendo um processo diacrônico único na relação entre construções possessivas, existenciais e locativas em línguas de diferentes famílias, estudos mostram que construções existenciais parecem ser originadas em construções com valor possessivo. A partir do exemplo *Arca<sup>9</sup> Noe habuit<sup>10</sup> homines<sup>11</sup>* (A arca de Noé tem homens) (sic), de Mattoso Câmara Júnior (1979, p. 248-249, grifo do autor), Marcotulio et al. (2018) entendem que “*Arca Noe*” funciona como um possuidor mais abstrato nesse contexto; tal constituinte nominal poderia ser facilmente interpretado como o local em que existiam *homines*. Nesse ponto, vale observar que, apesar de o substantivo *homines* estar declinado no caso acusativo plural, dando conta da regência do verbo *habere* pessoal, a noção de existência possível induz a escrita do verbo no singular (*habuit*). Isso porque

Estruturas desse tipo favoreceram uma leitura existencial pela reanálise do sujeito como complemento circunstancial locativo introduzido (ou não) pela preposição IN latina > *em* no português: IN ARCA DE NOE

<sup>9</sup> Palavra feminina da primeira declinação latina, enunciada como *arca*, *-ae*.

<sup>10</sup> Verbo da segunda conjugação latina, enunciado *habeo*, *-es*, *-ere*, *-ui*, *-itum*.

<sup>11</sup> Palavra masculina da terceira declinação latina, enunciada como *homo*, *-inis*.

HABUIT HOMINES = Há/Existem homens no Arca de Noé. (Marcotulio et al., 2018, p. 256, grifos do autor).

Em outras palavras, entende-se que houve uma confusão entre casos não apenas pelas diversas acepções possíveis para tal forma verbal em latim, mas também por conta da coincidência de algumas desinências casuais, ainda que, em latim, o jogo de flexões bastasse para indicar a regência do verbo (Marouzeau, 2017). Em *Arca Noe habuit homines*, o termo *Arca* pode ser interpretado como nominativo singular, o que justifica a flexão verbal de *habuit* também no singular, tendo como tradução possível “A arca de Noé tem homens”, como bem aponta Mattoso Câmara Júnior (1979). Nota-se, no entanto, que o verbo utilizado é *habere*, e não *tenere*<sup>12</sup>, apesar de a tradução utilizar ‘ter’ como sinônimo, e que o possuidor abstrato (‘arca’, no caso em questão), por coincidência desinencial, também pode ser entendido como ablativo. Esquemmatizando os pontos, tem-se que

- O termo *Arca* pode ser interpretado como ‘A arca’ se entendido como nominativo (sujeito). Isso, então, justifica a flexão singular da forma verbal, sendo *homines*, acusativo de *habuit*, que se comporta como verbo transitivo direto;
- O termo *Arca* pode ser interpretado como ‘Na arca’, se entendido como ablativo (adjunto adverbial), já que, à exceção da questão da quantidade silábica<sup>13</sup>, as desinências desses dois casos coincidem na forma (final ‘a’). Como em latim clássico, para efeitos de escrita do adjunto adverbial, a preposição era dispensável, a noção locativa é bastante possível. Nesse caso, *habuit* comportar-se-ia como impessoal, sendo *homines* o acusativo verbal;
- A não existência de um padrão de uso da vírgula, que supostamente colaboraria para a compreensão de *Arca Noe* como expressão composta por ablativo seguido de genitivo (se separada por vírgula) reforça a noção de dupla possibilidade tradutória;
- *Homines*, substantivo masculino da terceira declinação latina, poderia, em virtude da desinência final *es*, ser traduzido pelo nominativo, pelo vocativo e pelo acusativo. Como se descarta o uso do vocativo não só pelo contexto, mas também pela ausência da vírgula característica, *homines* acaba por abarcar a possibilidade sintática de sujeito plural ou objeto direto plural a depender do verbo utilizado na tradução.

Em outras palavras, esses apontamentos justificariam, em princípio, as seguintes traduções para *Arca Noe habuit*<sup>14</sup> *homines*:

<sup>12</sup> “No latim, o verbo básico para a expressão da posse é *habere* e, segundo Gaffiot (1934, s.v. *habere*), a sua acepção primeira é ‘ter em sua posse’, ‘guardar’ e, subsequentemente, entre os usos figurados, ‘ter na mão’; enquanto *ter* (Gaffiot, 1934, s.v. *tenere*) tem como acepção básica ‘ter algo na mão’, ‘obter’, sendo que outras acepções secundárias são ‘manter’, ‘reter’ etc. Já havia no latim, portanto, a interseção semântica entre *habere/tenere* na expressão de algo concreto, ‘ter na mão’” (Mattos e Silva, 1992, p. 92).

<sup>13</sup> Na primeira declinação latina, as palavras declinadas no ablativo singular terminadas em ‘a’ longo, distintamente do que ocorre no nominativo, cujo ‘a’ é breve.

<sup>14</sup> Em que pese à tradução proposta por Mattoso Câmara Júnior (1979), que flexiona o verbo *habere* no presente do indicativo ativo, prefere-se, em razão da forma verbal escrita, o uso do pretérito perfeito, motivo pelo qual a tradução explicativa utiliza tempo diverso. Aliás, isso se justifica inclusive pela própria enunciação verbal encontrada nos dicionários (Faria, 1962; Portugal, 2014), a qual aponta para a sequência *habeo, habes, habere, habui, habitum*, que, respectivamente, representam as formas nos tempos da voz ativa primeira pessoa do presente do indicativo, segunda pessoa do presente do indicativo, infinitivo, primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo e supino.

- a) A arca de Noé teve homens;
- b) Na arca de Noé, houve homens;
- c) Na arca de Noé, existiram homens.

No caso a), ‘A Arca’ supostamente seria o sujeito (nominativo) oracional, o que fica claramente marcado na flexão do verbo. A tradução, ao utilizar o verbo ‘ter’ em lugar de ‘haver’, considera o entendimento de Marcotulio et al. (2018) a respeito da ocorrência de um possuidor abstrato na sentença, o que, de certa forma, apaga parcialmente a noção existencial. Ao termo ‘homens’, então, restaria a função objetiva em relação ao verbo (acusativo). Registra-se que tanto a desinência ‘a’ de *Arca* quanto a desinência *-es* de *homines* admitem mais de uma interpretação casual na morfossintaxe latina<sup>15</sup>. No primeiro caso, a desinência ‘a’ pode ser atribuída ao nominativo/sujeito singular (possibilidade de tradução em razão da transitividade verbal), ao vocativo/vocativo singular (não há respaldo para a ocorrência), ao ablativo/adjunto adverbial (possibilidade de tradução, visto que, em latim clássico, a preposição era dispensável, embora de ocorrência possível); no segundo, a desinência *-es* pode ser representativa do nominativo/sujeito plural (impossibilidade de tradução por razões várias<sup>16</sup>), ao vocativo/vocativo plural (não há respaldo para a ocorrência), ao acusativo/objeto direto plural (função efetivamente desempenhada se considerados os aspectos oracionais específicos).

Já no caso b), ‘Na arca de Noé’ estaria em função sintática de adjunto adverbial locativo. Como a oração passa a apresentar uma maior clareza em relação à noção existencial, inclusive por conta da vírgula que se justifica pelo deslocamento do termo locativo, o verbo *habere*, ou melhor, ‘haver’, toma caráter impessoal inicialmente pelo rompimento da ordem sintática canônica<sup>17</sup>, cuja previsão se enquadra no esquema ‘sujeito + verbo + complemento’ (S+V+C). O fator lógico aponta para o apagamento do sujeito e para a marcação de um verbo seguido do respectivo objeto, o que é agasalhado pela norma-padrão, ainda que a posposição subjetiva seja comum em português. Isso justifica, inclusive, determinados casos de hipercorreção gramatical<sup>18</sup>, em que se utiliza o ‘haver’ existencial pluralizado. Além do mais, pela própria relação ‘verbo + complemento’, o termo ‘homens’ passa a ser entendido como um não sujeito verbal, mesmo que, na língua portuguesa, a noção de existência possa ser atribuída a alguém, conforme se nota no caso c).

<sup>15</sup> São tecidas apenas observações no que concerne às necessidades tradutórias que se apresentam na sentença analisada, sendo necessário deixar registrado que a sintaxe dos casos não se esgota nas funções apontadas.

<sup>16</sup> Não se entende o nominativo plural como possibilidade na tradução em questão por motivo de ordem sintática (ordem da disposição dos termos na sentença), semântica (a inversão de termos poderia resultar em incoerência dentro de um contexto denotativo) e flexional (o verbo aponta da oração para expressão ‘A arca de Noé’ como sujeito).

<sup>17</sup> É preciso registrar que, durante o processo evolutivo das línguas românicas, ocorreu a evolução das formas sintéticas (declináveis) para as analíticas (sintagmáticas e não declináveis), tudo fruto da transformação do latim vulgar, sendo que, para Pezatti (2014, p. 14), “uma das maiores e mais importantes mudanças, no entanto, é o desaparecimento da morfologia dos casos, que desencadeou o uso intenso de preposições e acarretou a cristalização da ordem dos constituintes da sentença”.

<sup>18</sup> “Chama-se hipercorreção ou ultracorreção o fenômeno que decorre de uma hipótese errada que o falante realiza para ajustar-se à norma-padrão. Ao tentar ajustar-se à norma, acaba por cometer um erro” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 28).

Por fim, passando à última possibilidade tradutória elencada, que se vale do verbo ‘existir’ para a representação da noção existencial, quase todas as explicações tecidas acima, no caso b), são, ao que parece, apropriadas, exceto por outros pontos que precisam ser observados. Diferentemente de ‘haver’, em português, ‘existir’ é entendido como verbo pessoal, o que supostamente rompe com a questão lógica apresentada no parágrafo anterior, uma vez que ‘homens’ passa a ser entendido como sujeito posposto do verbo, havendo o apagamento forçado do objeto. Nota-se, então, que a ordem sintática canônica (que se ampara em pressupostos lógicos) é rompida de forma distinta do caso b). Dessa forma, uma suposta ocorrência escrita do exemplo ‘Na arca de Noé, existiu homens’ é perfeitamente explicável pela sintaxe histórica a partir do ordenamento dos blocos frasais<sup>19</sup>. Estando ‘existiu’ no singular, ‘homens’ acaba por ser entendido como objeto do verbo e, como não há relação flexional necessária entre verbo e objeto, o singular seria, pois, uma ocorrência regular.

No entanto, a gramática normativa, ao classificar os verbos quanto à pessoalidade, aponta para a necessidade de flexão plural do verbo, pois, no caso c), a noção de existência é atribuída a ‘homens’. O que se percebe, em suma, é que, se considerada a norma-padrão cristalizada da língua portuguesa, a flexão plural de ‘existir’ é a concretização de uma regra que concerne à própria essencialidade (questionável) do sujeito, ainda que a disposição canônica dos termos seja ‘desrespeitada’. Não houve, no caso c), uma confusão entre casos latinos, diferentemente do verbo ‘haver’ existencial (oriundo de *habere*), o qual, embora considerado de flexão excepcional, acaba singularizado também pela lógica sintática.

FLP 23(1)

#### 4 ‘HAVER’ NA NORMA-PADRÃO: DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sendo um verbo pessoal anteriormente, quando *habere* assume sentido existencial, o sintagma com o qual o verbo concordava (o nominativo) passa a ablativo, o que pode ter provocado a inflexão definitiva do ‘haver’ existencial no português, pelo menos de acordo com a norma-padrão. Percebe-se uma baixa incidência do *habere* existencial na bibliografia pesquisada, e, realmente, o fato de a pessoalidade do verbo também se modificar com a mudança de sentido pode estar mais relacionado à sintaxe. Para retratarem a forma cristalizada do ‘haver’ existencial, serão consultadas gramáticas<sup>20</sup> e dicionários<sup>21</sup>, os quais foram selecionados para esse fim. Para discutir esse verbo com a noção de existência, é interessante, nesse sentido, retomar a ideia de que o processo de mudança linguística pode estar relacionado à confusão entre casos do latim.

Essa hipótese, que relaciona o acréscimo dos sentidos do *habere* aos casos do latim, foi defendida por Horácio Rolim de Freitas, em ensaio da *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, nº VII, de 2010. O autor debate a respeito de ambos os verbos

<sup>19</sup> Cf. Marouzeau (2017) e Pezatti (2014).

<sup>20</sup> Almeida (2009), Bechara (2009), Cegalla (2010), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2017). A seleção se deu conforme os seguintes critérios: a) a autodenominação de gramática normativa por parte dos compêndios e b) a notoriedade dos autores escolhidos, justificada pelo número de edições publicadas das gramáticas, sendo que apenas uma das estudadas tem menos de trinta edições.

<sup>21</sup> Houaiss e Villar (2008), Ferreira (2009) e Michaelis (2010). Utilizou-se como critério preponderante a quantidade de verbetes dos dicionários, garantindo-se que todos tivessem mais de cem mil verbetes.

(‘haver’ e ‘existir’) traduzirem a ideia de ‘existência’ e serem impessoal e pessoal, respectivamente. Freitas (2010, grifo do autor) ressalta, entretanto, que era comum na linguagem coloquial do latim (latim vulgar), em frases como “*Forestis habet multa animalia*” (sic) (‘A floresta tem muitos animais’), o elemento sujeito (caso nominativo) passar a indicar o lugar, como adjunto adverbial (caso ablativo); assim, o verbo, que seria traduzido como ‘ter’, tendo o sujeito suprimido, passa a indicar existência, tornando-se impessoal: “Na floresta, há muitos animais”. Eis, então, mais um reforço de que o uso popular regular é que desencadeará um processo de mudança. No entanto, o foco na escrita, no caso dos estudos de Linguística Histórica, é bastante comum, justamente por se tratar da modalidade que documenta uma época, oferecendo arcabouço teórico para as discussões dos fenômenos abordados. Como as gramáticas normativas prescrevem os usos com base na escrita de autores ‘consagrados’, passa-se ao registro das informações nelas contido.

Na obra de Almeida (2009), há uma parte na seção de Morfologia dedicada aos verbos ‘ter’ e ‘haver’; o autor destaca que ambos os verbos podem ter significação própria e podem ser vazios de sentido, assim como os verbos ‘ser’ e ‘estar’. Almeida (2009) afirma ainda que ‘ter’ e ‘haver’ têm a significação própria de ‘possuir’, podendo significar também ‘obter’, ‘alcançar’ e, ainda, ‘julgar’, ‘ter na conta de’. No item 2 das discussões sobre ‘ter’ e ‘haver’, Almeida (2009, p. 241, grifos do autor) aponta que “o verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir*: com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular”. O autor retoma a ideia ao explicar as construções impessoais, defendendo que existem os verbos essencialmente impessoais e os acidentalmente impessoais, sendo que o ‘haver’ existencial seria classificado no último, ou seja, um verbo que normalmente se refere a um sujeito, mas que, em alguns casos (acidentalmente), torna-se impessoal.

FLP 23(1)

Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de ‘Pedro *tem* muitos livros’ – poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: “Pedro *há* muitos livros”. Dizendo agora: ‘*Há* homens na sala’ - não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver*, o verbo está aqui empregado impessoalmente e homens vem a ser objeto direto. (Almeida, 2009, p. 285).

Bechara (2009), diferentemente de Almeida (2009), não detalha quanto à pessoalidade/impessoalidade do ‘haver’, chegando a registrar exemplos de ‘haver’ com ideia de ‘possuir’, e, ao abordar as “Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*”, o autor comenta o período “Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem”, destacando que “*haver = existir* é impessoal” (Bechara, 2009, p. 486, grifos do autor). Já Cegalla (2010) dedica parte de sua gramática somente ao verbo ‘haver’, marcando-o como pessoal ou impessoal e exibindo os diferentes sentidos: pessoal como ‘ter’, ‘obter’, ‘conseguir’, ‘alcançar’, ‘pensar’, ‘julgar’, ‘entender’, entre outras acepções; impessoal, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular quando significa ‘existir’, ‘acontecer’, ‘suceder’, entre outras acepções (Cegalla, 2010, p. 606-608). Apesar de mostrar as diferentes acepções e exemplos de ‘haver’ pessoal e impessoal, Cegalla (2010) não explica o porquê do fenômeno, como o faz Almeida (2009).

Rocha Lima (2011), por sua vez, limita-se a abordar o ‘haver’ e a ideia de impessoalidade de maneira mais sucinta, durante as discussões acerca das orações sem sujeito. O gramático ressalta que são denominadas orações sem sujeito as que denotam fenômeno da natureza, além das que têm os verbos “haver, fazer, ser, empregados impessoalmente [...] ‘Há grandes poetas no Brasil’ / ‘Fazia muito frio naquele mês’”

(Rocha Lima, 2011, p. 289). Já Cunha e Cintra (2017), no trabalho mais recente analisado (atualizado quanto à edição, pelo menos), na exposição relativa aos estudos de verbo, dedicam um tópico à sintaxe do verbo ‘haver’, pontuando, como fez a maioria dos outros autores, que ‘haver’ pode “empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular” conforme o seu significado (Cunha; Cintra, 2017, p. 553). Sobre o ‘haver’ no sentido de existir, os autores asseveram que, nessa acepção, trata-se de verbo impessoal, observando que

O verbo *haver*, quando sinônimo de ‘existir’, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a, lo, la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente. (Cunha; Cintra, 2017, p. 554, grifos dos autores).

Eis, agora, o Quadro 5, que resume as visões nas gramáticas analisadas:

Quadro 5 - Resumo de visões acerca do ‘haver’ nas gramáticas normativas de língua portuguesa selecionadas.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do ‘haver’</i>
Almeida (2009)	‘ter’ e ‘haver’ têm a significação própria de ‘possuir’, mas podem significar ‘obter’, ‘alcançar’ e, ainda, ‘julgar’, ‘ter na conta de’, além da significação de ‘existir’. Nesse caso, ‘haver’ é impessoal e usado apenas na terceira pessoa do singular.
Bechara (2009)	Não detalha quanto à personalidade/impessoalidade do ‘haver’, mas registra exemplos de ‘haver’ com a ideia de ‘possuir’, além de destacar que ‘haver’ com noção existencial é verbo impessoal.
Cegalla (2010)	Marca o verbo como pessoal ou impessoal, exibindo diferentes sentidos. ‘haver’ é impessoal e usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular quando significa ‘existir’, ‘acontecer’, ‘suceder’, entre outras acepções.
Rocha Lima (2011)	Ressalta que são denominadas orações sem sujeito as que denotam fenômeno da natureza, além das que têm os verbos ‘haver’, ‘fazer’, ‘ser’, empregados impessoalmente.
Cunha e Cintra (2017)	Sendo sinônimo de ‘existir’, ‘haver’ não apresenta sujeito, é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, o pronome pessoal. ‘existir’, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Almeida (2009), Bechara (2009), Cegalla (2010), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2017).

FLP 23(1)

Ao examinar o dicionário Houaiss e Villar (2008), a primeira acepção apresentada é de ‘haver’ como “ter ou obter comunicação de; receber”, acepção na qual o verbo é pessoal. O sentido principal para esta pesquisa é visto apenas na quinta acepção, na qual o dicionário define como “[impessoal] ter existência (material ou espiritual); existir” (Houaiss; Villar, 2008, p. 1508). Nota-se no compêndio de Ferreira (2009), assim como na obra de Houaiss e Villar (2008), a primeira acepção do ‘haver’ como verbo pessoal. ‘ter’ e ‘possuir’ são os primeiros sentidos atribuídos ao verbo; a noção de ‘existir’, que torna o ‘haver’ impessoal, é registrada na quinta acepção apenas, o que não se distancia do cenário apresentado no dicionário Michaelis (2015). Neste, a primeira acepção também é de ‘haver’ como verbo pessoal, como se vislumbra no exemplo: “Ter a posse ou ser proprietário de; possuir: *Os barões do café houveram grandes riquezas antes da queda da Bolsa em 1929*” (Michaelis, 2015, grifo do autor). A acepção impessoal com noção de existência aparece bem depois da apresentação do verbo com ideia de posse: “Ter existência ou ser realidade; existir: *Sempre haverá ingratião*” (Michaelis, 2015, grifo do autor). Eis, agora, o Quadro 6:

Quadro 6 - Resumo das acepções do ‘haver’ nos dicionários de língua portuguesa selecionados.

<i>Autores</i>	<i>Acepções do ‘haver’ nos dicionários</i>
Houaiss e Villar (2008)	O sentido principal para esta pesquisa é visto apenas na quinta acepção, quando se define como impessoal a noção de existência (material ou espiritual).
Ferreira (2009)	‘Ter’ e ‘possuir’ são os primeiros sentidos atribuídos ao verbo; a noção de ‘existir’, que torna o ‘haver’ impessoal, ocorre na quinta acepção apenas.
Michaelis (2010)	A primeira acepção também é de ‘haver’ como verbo pessoal. A acepção impessoal e com noção de existência aparece bem depois da apresentação do verbo com ideia de posse.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Houaiss e Villar (2008), Ferreira (2009) e Michaelis (2010).

Importante evidenciar, após a análise dos verbetes nos dicionários, que as acepções de ‘haver’ com noção de posse ainda recebem maior destaque. Ademais, essa ‘relutância’ na utilização/abordagem do *habere* existencial percebida nas gramáticas e dicionários não é recente, até porque o verbo não tinha, a princípio, esse sentido. Em *Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros*, Mattos e Silva (2002) faz um levantamento sobre os verbos ‘ter’ e ‘haver’ como sendo de posse na obra pedagógica de João de Barros (1540), a *Grammatica da Língua Portuguesa*. No decorrer das análises sobre as ocorrências de tais verbos, a autora se refere à obra de João de Barros já como uma das amostras do século XVI, sendo proposta significativa para o início dos estudos modernos da língua portuguesa. É nesse sentido que, partindo de exemplos dos usos de ‘ter’/ ‘haver’ como verbos de posse do século XIII ao XVI, a autora consegue, utilizando três tipos semânticos<sup>22</sup> para os complementos

<sup>22</sup> “Propriedades inerentes (PI) ao possuidor”; “propriedades adquiríveis imateriais (PAI), morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais”; “propriedades adquiríveis materiais (PAM), objetos materiais externos ao possuidor”. (Mattos e Silva, 2002, p. 125).

desses verbos que indicam posse, mostrar uma preferência, que se torna mais evidente ao longo dos anos, pelo ‘ter’, e trata a utilização do ‘haver’ no referido sentido como arcaizante.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da pesquisa, nota-se que é bastante provável que o ‘haver’ (originado no verbo latino *habere*) com o significado de ‘existir’ tenha se tornado um verbo impessoal por motivação de ordem histórica, qual seja a possível confusão entre os casos nominativo e ablativo, como também foi possível perceber que a forma verbal esteve bastante ligada, ao longo do tempo, à ideia de posse.

Conforme pressupunha a hipótese aventada nesta pesquisa, por conta das semelhanças entre as desinências casuais, houve situações em que mais de uma interpretação seria viável, já que, no latim, a ordem sintática tinha muito menos influência sobre os constituintes de uma oração do que as desinências. Então, a questão da confusão entre casos latinos é historicamente plausível. Some-se a isso o fato de, a princípio, ser o verbo *esse* utilizado em acepção existencial, embora as pesquisas sobre o ‘haver’ existencial (*habere*) tenham mostrado lacunas e divergências na bibliografia especializada selecionada, isto é, em gramáticas e dicionários de língua portuguesa e de língua latina.

Além do mais, a respeito das obras eleitas, duas outras questões merecem ser mencionadas com destaque: a) a inexistência, a rigor, de tópico dedicado ao ‘haver’ existencial e, quando existente, a utilização de ‘ter’ como recurso tradutório, sugerindo sinonímia entre ambas as formas verbais; b) o registro em conjunto dos verbos ‘ter’ e ‘haver’, mas com acepção de posse, e não de existência, apontando mais uma vez para uma sinonímia no mínimo aparente, nesse caso. Desses dois pontos, depreende-se que o uso primário de *esse* para denotar existência relegou a *habere*, secundariamente, uma noção existencial residual, de modo que a impessoalidade se manifesta excepcionalmente.

Com base no exposto, ainda que o presente trabalho indique que a acepção existencial de ‘haver’ é excepcional e que há pouco espaço para explicação histórica a respeito dessa excepcionalidade nas obras investigadas, cabe registrar que a averiguação de outros compêndios com idêntica finalidade pode tanto agregar quanto trazer outros olhares para os resultados apresentados.

## REFERÊNCIAS

Almeida NM. Gramática latina. 30ª ed. São Paulo: Saraiva; 2011.

Almeida NM. Gramática metódica da língua portuguesa. 46ª ed. São Paulo: Saraiva; 2009.

Bortoni-Ricardo SM. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola; 2004.

Cart A, et al. Gramática latina. São Paulo: EDUSP; 2010.

Cegalla DP. Novíssima gramática da língua portuguesa. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2010.

- Cunha C, Cintra LFL. Nova gramática do português contemporâneo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon; 2017.
- Faraco CA. Linguística histórica: uma introdução ao estudo das línguas. São Paulo: Parábola; 2005.
- Faria E. Dicionário escolar latino português. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; 1962.
- Faria E. Gramática superior da língua latina. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1958.
- Ferreira ABH. Novo dicionário eletrônico Aurélio. São Paulo: Regis; 2009.
- Fonseca O, Morais DV. Língua latina: gramática. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; 1942.
- Freitas HR. Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa. Revista da Academia Brasileira de Filologia. 2010;7(7):56-68. [citado 10 mai. 2018]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/7/056.pdf>.
- Grandgent C. An introduction to vulgar Latin. Boston: DC Heath & Company; 1907.
- Houaiss A, Villar MS. Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2008.
- Maciel M. Grammatica analytica. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1887.
- Magne A. Grammatica latina. Rio de Janeiro: Livraria, papelaria e litho typographia; 1930.
- Marcotulio LL, et al. Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval. São Paulo: Parábola; 2018.
- Marouzeau J. A ordem das palavras em latim. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia; 2017.
- Mattos e Silva RV. Caminhos e mudanças sintático-semânticas no português arcaico. Revista de Estudos Linguísticos. 1992;1(1):85-99. [citado 30 jul. 2019]. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/955/1063>.
- Mattos e Silva RV. Vitória de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: Mattos e Silva RV, Machado Filho AVL, editores. O português quinhentista: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA; 2002. p. 124-142.
- Mattoso Câmara Júnior J. Introdução às línguas brasileiras. Rio de Janeiro: Ao livro técnico; 1979.
- Michaelis. Dicionário de Língua Portuguesa [on-line]. São Paulo: Melhoramentos; 2015. [citado 30 jun. 2019]. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>.
- Nunes JJ. Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia. Lisboa: Livraria clássica editora; 1969.
- Pezatti EG. A ordem das palavras em português. São Paulo: Parábola Editorial; 2014.
- Portugal. Dicionário de latim-português e português-latim. Porto: Porto Editora; 2014.
- Rezende AM, Bianchet SB. Dicionário do latim essencial. São Paulo: Autêntica; 2014.
- Rocha Lima CH. Gramática normativa da língua portuguesa. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2011.
- Williams EB. Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1986.